

ANTONIO CANDIDO LÍRICO
(Um projeto ético e estético para a poesia brasileira)

Antônio Donizeti Pires (UNESP/Araraquara)
adpires@fclar.unesp.br

Introdução: Pressupostos gerais

Em relação aos demais gêneros literários, a poesia lírica ocupa um lugar central na obra de Antonio Candido, que sempre a reconheceu como pilar fundamental de seu pensamento estético e crítico-teórico. Neste, o problema da lírica (inclusive apoiado na prática analítica de poemas) é dimensionado em dois eixos principais: um “arcade/romântico” (voltado para o período formativo da literatura brasileira) e outro “modernista” (que enfatiza a consolidação plena de nossa literatura). Ambos os eixos são articulados por certo “eixo intermediário”, de ligação, o qual engloba alguns estudos de Candido voltados para a poesia finissecular brasileira e/ou francesa – isto é, aquela poesia que, a partir da obra de Baudelaire, ficou conhecida como parnasosimbolista, decadentista e mesmo “realista”.

O pensamento estético e crítico-teórico de Antonio Candido, ainda, desdobra-se em várias camadas significativas, assim sintetizadas: a) a poesia como agente poderoso de formação e consolidação da literatura brasileira (a própria *Formação da literatura brasileira*); b) a crítica de poesia e de poetas (já evidenciada na *Formação*, e corroborada em vários outros estudos de interpretação); c) o estudo teórico da poesia, seus problemas intrínsecos e elementos constitutivos (*O estudo analítico do poema*); d) em complemento, a leitura, análise e interpretação de poemas de autores brasileiros do Arcadismo ao Modernismo (a exemplo do que faz em *Na sala de aula*); e) o estudo comparado de poetas brasileiros e estrangeiros, na perspectiva das relações problemáticas com a matriz europeia (caso de “Os primeiros baudelairianos”, de *A educação pela noite & outros ensaios*), do ponto de vista temático (“As rosas e o tempo”, de *O observador literário*), ou de exegese desses poetas face ao tratamento que dão à natureza (“O albatroz e o chinês”, do recente livro homônimo).

Nestes “Pressupostos gerais”, é preciso considerar também que há clara articulação entre os vários estratos da leitura poética levada a efeito por Antonio Candido, através da ênfase nas seguintes questões: a) a coerência da exegese poética do crítico em relação a seu pensamento estético-teórico, pois abarca poetas do Arcadismo ao Modernismo; b) o valor conferido por ele à poesia brasileira, sempre a inserindo num meio universal de conexões e, ao mesmo tempo, concebendo-a como expressão local de nosso sistema literário e social; c) enfim, as relações especiais do crítico com a poesia francesa – mas não apenas com esta – enquanto agente de sua formação pessoal e enquanto matriz de parte considerável da poesia que se fez no Brasil.

Enfim, devo esclarecer que os resultados deste estudo (parte de uma investigação maior, em que pesquisei os projetos de Machado de Assis e de Candido para a poesia brasileira, respectivamente nos séculos XIX e XX), já foram apresentados em vários congressos nacionais e renderam dois longos ensaios, “Antonio Candido, leitor de poesia” (publicado na revista eletrônica *Guará*, da PUC-GO, em 2011), e “Antonio Candido, leitor de poesia *fin-de-siècle*” (publicado no n. 30 da revista *Itinerários* – primeiro semestre de 2010 –, do PPG em Estudos Literários da UNESP/Araraquara). Em alguma medida, tentarei para o momento refazer o percurso que estabeleci nestes dois textos, enfatizando primeiro a “poética tensiva” que marca o *modus operandi* do crítico mineiro, e depois perpassando sua concepção teórica de

poesia lírica e sua prática analítico-interpretativa das obras literárias (os poemas e os poetas), para aí surpreender a configuração dos eixos tensivos de seu pensamento teórico-estético e de sua respectiva análise crítica. Enfim, como conclusão integradora do percurso, procurarei avançar um pouco em relação ao que denomino “projeto ético e estético para a poesia brasileira”.

Frise-se, desde já, que o embasamento crítico-teórico e metodológico desta proposta ancora-se nas teorias modernas da Lírica, da crítica de poesia e da historiografia literária brasileira, bem como pressupõe a revisão bibliográfica e a discussão dos estudos crítico-teóricos e analíticos de Antonio Candido sobre nossa poesia lírica.

1. A “crítica tensiva” de Antonio Candido

A expressão “crítica tensiva” foi utilizada por João Alexandre Barbosa em pelo menos dois momentos: quando resenhou, em 1987, o recém-publicado *A educação pela noite & outros ensaios*, e em 1998, quando estudou “O método crítico de Antonio Candido”. Em ambos os textos, Barbosa faz questão de enfatizar a “poética da tensão” que é peculiar à crítica de Antonio Candido, tensão esta sempre mantida (e não resolvida por qualquer esquema redutor de análise) porque o essencial de seu trabalho procura captar a dialética permanente que caracteriza a construção dos objetos estético-literários. Em palavras de Barbosa, trata-se de constatar que, num plano mais geral, a “[...] tensão [é] mantida, em toda a obra dele [...], entre as ciências sociais e históricas, que puxam o lado terra-a-terra, e a literatura, que autoriza o sonho, o devaneio, a ambiguidade.” (BARBOSA, 1990, p.84). No ensaio posterior, “O método crítico de Antonio Candido” (recolhido em *Alguma crítica*, 2002), Barbosa dialoga com vários textos de Candido para reafirmar, agora de modo mais claro, a “poética da tensão” que embasa a atividade crítica de seu colega uspiano:

Não é o crítico que transforma o elemento *externo* em *interno* mas, sim, o próprio processo de construção da obra, a ele cabendo a habilidade de fisgar a transformação, que é sempre o resultado de uma prática analítica ancorada na consciência da linguagem literária.

Para o crítico, não há, segundo leio o autor, preferência possível: a sua atividade se passa por entre as tensões suscitadas pelo movimento de internalização que é a obra literária [...] (BARBOSA, 2002, p.142).

Ao final do ensaio, o pernambucano ressalta mais uma vez a excelência do método crítico de Antonio Candido, onde consciência sintética da obra (porque integração estrutural de elementos externos e internos) se conjuga à consciência da linguagem (porque é esta, e não os meros conteúdos, que possibilitam a significação).

De fato, o pensamento de Candido, no geral, está constantemente baseado em pares de opostos que lhe possibilitam refletir sobre a especificidade da literatura brasileira (por exemplo, cosmopolitismo *vs.* localismo; literatura portuguesa *vs.* literatura brasileira; literatura *vs.* sociedade; autonomia estético-literária *vs.* condicionamento histórico-social das obras etc.). Ou seja, tal pensamento aponta para uma compreensão da literatura brasileira como síntese (real possível, não ideal; e evidentemente problemática e problematizadora) de determinadas contribuições literárias e linguísticas, de variada procedência, em condições muito específicas e particulares, conforme é patente no primeiro capítulo da *Formação da literatura brasileira*: “Este livro procura estudar a formação da literatura brasileira como síntese de tendências universalistas e particularistas.” (CANDIDO, 1993b, p.23).

Uma outra consideração do problema (descendo do geral ao particular, ou da teoria para a realidade das obras literárias) deve ressaltar que um dos pares fundamentais da tensão dialética proposta por Candido, literatura e sociedade, tende a resolver-se numa síntese (real possível, não ideal; e evidentemente problemática e problematizadora), nesta ou naquela obra, ao configurá-la estruturalmente. É o que ele postula em “Literatura de dois gumes”, um dos textos que compõem a “Terceira parte” do livro resenhado por Barbosa:

[...] a ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio se incorporam à estrutura da obra – de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador. (CANDIDO, 1989, p.163-164).

Enfim, numa última consideração do problema, Barbosa também trata da particularidade das obras literárias, ao afirmar que a tensão crítica de Candido “[...] revela-se sobretudo na escolha de ângulos de análise e interpretação que buscam, quase sempre, aspectos de passagem entre elementos psicológicos e sociais e a formulação literária.” (BARBOSA, 1990, p.85).

A insistência no problema da “poética da tensão”, a partir da sugestão valiosa de João Alexandre Barbosa, não é gratuita, pois se constitui de modo complexo e termina por desdobrar-se, como a própria análise poética empreendida por Candido, em várias camadas ou estratos significativos. Assim, recapitulando o diálogo entre os dois críticos, tem-se: a) num primeiro momento, uma evidente diferença de tratamento da literatura e dos produtos literários por parte das “ciências sociais e históricas”, pois seus objetos e sua *épisteme* são diferentes; b) partindo da dicotomia, Candido a trata dialeticamente para refletir sobre o processo de formação da literatura e da cultura brasileira, em geral, apresentando-o como síntese iluminadora; c) tal síntese torna-se ainda mais evidente nas obras particulares e está comprovada em várias análises magistrais efetuadas pelo crítico, como por exemplo “Dialética da malandragem” e “O poeta itinerante” (ambos de *O discurso e a cidade*, 1993), ou “Inquietudes na poesia de Drummond” (de *Vários escritos*, 1970); d) para Barbosa, ainda que Candido parta da dicotomia apontada e estabeleça uma síntese compreensiva do processo formador de nossa literatura e das obras que a compõem, sua crítica é por natureza vincada pela “poética da tensão”, pois sempre enfatiza a “[...] passagem entre elementos psicológicos e sociais e a formulação literária.” (BARBOSA, 1990, p.85).

2. Doutrina e teoria da poesia, segundo Candido

É no bojo desta “poética tensiva” que se deve compreender o projeto estético, a crítica e a teoria de poesia lírica esposada por Antonio Candido, cujas coordenadas encontram-se sobretudo em *O estudo analítico do poema*, publicação de 1987 (terceira edição, 1996) que resgata um curso que ele ministrara em 1963 e 1964 para o quarto ano do curso de Letras da USP, na área de Teoria Literária. Na “Explicação” (datada de novembro de 1967) que abre o livro, Candido faz duas observações importantes, uma sobre a desvinculação entre poesia e verso, e a outra autocensurando-se pela “[...] apresentação longa e desnecessária da velha teoria de Grammont [...]” (CANDIDO, 1996, p.8), já que, no momento do primeiro curso, a obra de Roman Jakobson, que propõe o problema “[...] da sonoridade expressiva [...]” (p.8) de modo lapidar, ainda não era conhecida de Candido e não fora suficientemente divulgada e estudada no Brasil. Sobre a desvinculação entre poesia e verso, o crítico a considera das mais importantes

conquistas estéticas da poesia moderna, ao lado da dissolução dos gêneros e subgêneros literários:

[...] quando repeti o curso [em 1964], glosei bastante a ideia, apenas sugerida aqui, do desvinculamento entre a poesia e [o] verso, cujas primeiras manifestações talvez se esbocem no poema em prosa do Romantismo e que em nossos dias é um pressuposto estético fundamental, ao mesmo título que a queda de barreiras entre os gêneros. (p.7-8).

Isto de fato é assim, no que concerne ao poema em prosa ou à mistura de gêneros, que se estabelecem a partir das experiências mais radicais do Romantismo, cujos postulados estéticos incluem a busca da linguagem total, de base analógica, e valores como a liberdade, a subjetividade, a originalidade. No entanto, Candido pouco voltará a considerar o poema em prosa, do ponto de vista teórico, em suas análises.

Nos capítulos seguintes vai delineando-se a teoria da poesia abraçada pelo crítico, cuja ênfase é posta no ritmo e na imagem. Veja-se como o autor (p.9-10) divide seu curso: “Introdução”; “1. Os fundamentos do poema”, onde estuda sonoridade, ritmo, metro, verso; “2. As unidades expressivas”, onde se detém nos seguintes tópicos: figura, imagem, tema, alegoria, símbolo; “3. A estrutura”, onde aponta os “princípios estruturais”, os “princípios organizadores” e os “sistemas de integração”; “4. Os significados”, onde discorre sobre “sentido ostensivo e latência”, “tradução ideológica”, “poesia ‘direta’ e ‘oblíqua’”, “clareza e obscuridade”; enfim, na última seção (5) escreve sobre “A unidade do poema”. Todos os capítulos são pontuados por análises de poemas de Manuel Bandeira, principalmente, cuja escolha é justificada por Candido na “Explicação”: “[...] exemplo principal, não apenas pela alta qualidade de sua obra, mas porque ela é provavelmente a única em nossa literatura que permite a um estudante encontrar todas as modalidades de verso, desde os rigorosamente fixos até os mais livremente experimentais.” (p.7). De modo sutil, a escolha do repertório bandeiriano põe em relevo a posição crítica do autor e salienta a importante valoração dos poetas modernistas, aspecto significativo do Antonio Candido leitor de poesia.

Em relação ao modo de ser da poesia lírica, Candido a classifica “[...] categoria privilegiada de criação espiritual.” (p.11), uma vez que “[...] a atividade poética é revestida de um caráter superior dentro da literatura, e a poesia é como a pedra de toque para avaliarmos a importância e a capacidade criadora desta.” (p.12). Poesia – já se aventou – que não se restringe ao poema (em versos regulares ou livres) ou ao poema em prosa, mas que pode abranger inclusive a prosa de ficção e o teatro.

Conforme já salientado, a concepção de Candido valoriza sobretudo o ritmo e a construção imagética do poema, demorando-se inclusive em considerações sobre a analogia: “Todo poema é basicamente uma estrutura sonora.” (p.23); “O verso é uma unidade indissolúvel de ritmo, sonoridade e significado [...]” (p.64); “A base de toda imagem, metáfora, alegoria ou símbolo é a analogia, isto é, a semelhança entre coisas diferentes.” (p.65); “[...] a analogia está na base da linguagem poética, pela sua função de vincular os opostos, as coisas diferentes, e refazer o mundo pela imagem.” (p.67). Evidente que, apesar do apreço (moderno, saliente-se) dado ao ritmo e à imagem, o crítico também se encarrega dos outros elementos constitutivos do poema (verso, metrificação, rima, estrofação, os diversos tipos de pausa e cesura).

Em suma, o pequeno livro – tido por Candido como “desconjuntado” (p.8) –, oferece uma sistematização adequada da teoria da poesia lírica abraçada por ele – ao lado, obviamente, de pressupostos estéticos, além de preocupar-se com os aspectos práticos da leitura poética, ao fazer importantes distinções entre “comentário”, “análise” e “interpretação”, colocando a segunda (levantamento dos dados compositivos e/ou

externos do texto) como intermediária. Todavia, frise-se que essa teorização da lírica, bem como a elucidação dos postulados estéticos que a embasam e que sustentam o pensamento do próprio Antonio Candido, é constantemente retomada em seus ensaios crítico-analíticos. Assim, com a consciência de linguagem e com o respeito às obras literárias que o norteiam, o crítico é capaz de expor – e expor novamente –, sempre de modo lapidar, as várias camadas que compõem o texto poético.

3. Do particular local ao universal cosmopolita: a prática analítica e a configuração dos eixos de tensão

A militância crítica de Antonio Candido começou na década de 1940, quando foi um dos fundadores da revista *Clima* (1941-1944) e, ao mesmo tempo, atuou como resenhista dos jornais *Folha da manhã* (1943-1945) e *Diário de S. Paulo* (1945-1947). Se muito dessa produção dispersa da juventude foi resgatada por Vinicius Dantas em *Textos de intervenção* (2002), vê-se por outro lado que o estudo constante e a publicação constante de livros têm norteado o crítico desde os primórdios de sua trajetória. Assim, dos anos de 1950 até o começo do século XXI, num lapso de tempo que cobre pelo menos seis décadas, acostumamo-nos a esperar de Candido alguma página esclarecedora sobre este ou aquele aspecto da literatura brasileira, seus autores e obras, seu processo de formação e consolidação, suas relações com a metrópole luso-europeia. Retomando, pois, o início deste artigo, considere-se mais uma vez o já afirmado de que o pensamento estético e crítico-teórico de Antonio Candido, no tocante à poesia lírica, desdobra-se em várias camadas significativas:

Em primeiro lugar, a poesia é tida como agente poderoso de formação e consolidação de nossa literatura, conforme se tem na própria *Formação da literatura brasileira*, livro que, para além de mera historiografia literária (pois ultrapassa a noção de compêndio ou de catálogo diacrônico de períodos, autores e obras), deve ser considerado estudo de crítica e de teoria literária, inclusive com amplo uso do ensaio¹. Assim, o estudo de 1959 engloba tanto as formulações crítico-teóricas que fundamentam a concepção de Candido no tocante à formação de nossa literatura, quanto os ensaios analíticos e interpretativos voltados para as obras dos poetas árcades e românticos (pense-se, por exemplo, nos capítulos dedicados a Cláudio Manuel da Costa e a Gonçalves Dias). Estes ensaios de análise e interpretação podem ser lidos e relidos independentemente, pois além de elucidar as concepções crítico-teóricas veiculadas na *Formação*, conectam-se a ensaios anteriores ou posteriores do autor sobre poetas do período formativo. Além disso, a *Formação da literatura brasileira* dá sustentação ao primeiro eixo do pensamento de Antonio Candido, o “árcade/romântico”.

Em segundo lugar, a crítica de poesia e a análise interpretativa de Candido, já evidenciadas na *Formação*, são confirmadas em outros estudos “soltos” dedicados a vários autores canônicos (do Modernismo, sobretudo), bem como se configuram mais plenamente no trabalho de conjunto que ele empreende no pedagógico *Na sala de aula*,

¹ Mais propriamente historiográficas são *Iniciação à literatura brasileira* (Resumo para principiantes), de 1997, e *Presença da literatura brasileira: História e antologia*, que Candido publicou em parceria com José Aderaldo Castello em 1964. A primeira, escrita em 1987, seria lançada na Itália e nela Candido se preocupa em dar destaque ao “[...] movimento geral da literatura, encarada historicamente [...]” (CANDIDO, 1997, p.7): para tanto, coerente com seu pensamento, divide-a em três capítulos, “Manifestações literárias”, “A configuração do sistema literário” e “O sistema literário configurado”. Nos dois volumes da segunda, cada movimento literário é considerado separadamente, com as características estéticas e de poética que defendem (veja-se o sucinto e eficaz “Modernismo”, do segundo volume), e enriquecido por textos antológicos. Em ambas as obras, há rápida apresentação dos principais poetas brasileiros e considerações críticas sobre suas obras.

em que se debruça sobre autores do Arcadismo ao Modernismo. Enfim, tal crítica analítico-interpretativa inclui o estudo comparativo de poetas brasileiros e estrangeiros, na perspectiva das relações problemáticas com a matriz europeia (caso de “Os primeiros baudelairianos”, de *A educação pela noite & outros ensaios*), do ponto de vista temático (“As rosas e o tempo”, de *O observador literário*), ou de exegese desses poetas face ao tratamento que dão à natureza (“O albatroz e o chinês”, do recente livro homônimo). Como se vê, é preciso depreender da vasta “crítica solta” de Candido, das comparações e das análises efetivadas em *Na sala de aula* o aqui denominado “eixo modernista”.

De todo modo, frise-se que os dois eixos principais, “árcade/romântico” e “modernista”, não são estanques, mas se articulam vigorosamente e devem ser pensados como balizas a partir das quais o crítico lança seu olhar para as “manifestações literárias” dos primeiros séculos de nossa literatura (um Gregório de Matos), para a “entressafra” “acomodada” do período 1880-1920 (os parnasianos, os simbolistas e nossos primeiros leitores de Baudelaire), para as manifestações em torno de 1945 (João Cabral de Melo Neto) e para aquelas mais contemporâneas (a poesia de Orides Fontela, por exemplo, que mereceu o sincero apreço do analista). O olhar crítico não se acomoda, todavia, ao local particular, e se lança em busca de conexões da nossa com outras literaturas, mais antigas e mais universais, tentando surpreender o modo já francamente “antropofágico” (embora Candido evite o termo) pelo qual alguns poetas nossos, finisseculares (Fontoura Xavier, Teófilo Dias, Carvalho Júnior), por necessidade de expressão e construção, chegaram à deformação da poesia baudelairiana.

Os dois eixos, “árcade/romântico” (séculos XVIII/XIX) e “modernista” (século XX), parecem ligar-se por uma espécie de “eixo intermediário” (ou “parnasosimbolista”, finissecular): este, conquanto tenha gerado discussões e trabalhos importantes de discípulos e sucessores de Candido, parece não gozar do mesmo prestígio hipotecado aos dois eixos principais, e permanece à margem da consideração dos estudiosos brasileiros. Por ora, constatemos apenas que tal “eixo intermediário” pode propiciar uma nova apreciação do Simbolismo no Brasil e engloba, *grosso modo*: a) artigos de crítica redigidos por Candido nos anos 40, em que sobressaem uma primeira compreensão e uma primeira avaliação do Simbolismo (talvez ainda eivadas de preconceito) e, por extensão, da poesia hermética e do que o autor considera “poesia menor”. Tal compreensão e tal avaliação preliminares são revistas posteriormente, já nos anos 90, quando Candido passa a estabelecer conexões mais substanciais entre Simbolismo e Modernismo; b) textos em que é possível detectar-se a conformação histórico-literária do Simbolismo no Brasil e sua contribuição a nossa poesia; c) textos de prática analítica, inclusive com apreciações ligeiras da poesia de Cruz e Sousa, em que são postas em relevo as relações intertextuais que poetas brasileiros do final do século XIX encetaram com os franceses (Charles Baudelaire, sobretudo).

Enfim, a importância de se considerar tais eixos de tensão crítica está em que, preliminarmente, vê-se a coerência que a prática analítica de Candido mantém em relação a seus postulados crítico-teóricos e estéticos, em termos de formação (Arcadismo/Romantismo) e consolidação plena da literatura brasileira (Modernismo). Num segundo momento, é gratificante surpreender o pensamento e a prática do crítico em relação a um lapso de tempo (1880-1920) que ele mesmo considera “de acomodação” em nossa literatura.

4. Candido e seu possível projeto ético e estético para a poesia brasileira

No que tange a um “projeto ético e estético” de Antonio Candido para a poesia brasileira, deve-se pensar que ele sempre foi um crítico **moderno** e modernista, e que a

utopia de um projeto, naturalmente, faz parte da modernidade e engloba os postulados básicos e a trajetória intelectual de Candido ou dos próprios modernistas, que tinham um projeto para o Brasil da mesma maneira que toda a vanguarda internacional foi utópica e assumidamente revolucionária: ou seja, falando do trabalho de Antonio Candido, estamos ainda sob o amparo do sólido tripé (ao menos em tese) moderno/modernidade/Modernismo, e não sob o desamparo da liquefação pós-moderna e pós-utópica. Por outro lado, o “projeto ético e estético” de Candido seria similar ao apostolado de Machado de Assis no século XIX, com a ressalva de que, enquanto o “Bruxo do Cosme Velho”, através de sua própria prática poética e de seu combate crítico pelo rigor, pelo equilíbrio e pela contenção, procurava apontar certos caminhos clássico-parnasianos para a poesia brasileira de sua época (inclusive com a ignorância olímpica do movimento simbolista), Antonio Candido teria esboçado seu projeto pedagógico tanto através de postulados estético-teóricos consistentes, quanto através do magistério crítico-analítico de obras e autores particulares, notadamente modernistas. Evidente que a consideração de tal “projeto ético e estético” é muito problemática, pois está mais ligada às inferências dos leitores de Candido (ou de Machado de Assis) do que a afirmações taxativas deste em relação a uma suposta proposta sua que norteasse caminhos para a poesia brasileira. Se assim fosse, muito da grandeza e da dignidade do crítico se perderiam com a imposição dogmática de lições e exigências extemporâneas.

De todo modo, as inferências não existem no vazio e talvez nos levem à consideração de que pode haver, sim, ao menos o esboço de um projeto estético (que assinale, de modo mais ou menos velado, diretrizes para a construção e a recepção da poesia em dado momento histórico) na obra deste ou daquele crítico – ou na obra deste ou daquele poeta, ou grupo de poetas, ou grupo de poetas-críticos, como os concretistas (autores de outro utópico e poderoso projeto, ainda de vanguarda, para nossa poesia).

No caso de Candido, pode-se considerar que tal projeto estético (e também ético) existe de fato e está disseminado por toda a sua produção crítica, teórica e analítica voltada para a poesia lírica, seja em relação aos problemas gerais desta, seja no que concerne aos problemas específicos da poesia brasileira, e aqui deve-se ressaltar que a totalidade dessa produção vai adquirindo matizes reveladores entre 1943 e o início do século XXI – ou seja, o crítico procede a reavaliações, como faz com o próprio movimento simbolista. Isto é de suma importância para que não se analise o problema no mesmo patamar redutor de Ítalo Moriconi (que crítico no artigo publicado em 2011), que considera tradicionalista e reacionária a “pedagogia do poema” de Antonio Candido, uma vez que esta seria calcada no Modernismo acomodado pós-1922, num momento em que toda ruptura já estivesse ultrapassada e que a poesia estivesse reencontrando seu equilíbrio expressivo-formal (através da volta do soneto, por exemplo, ou do uso dos decassílabos brancos por Mário de Andrade no poema “Louvação da tarde”, de *Remate de males*, de 1930). Ora, a crítica que se faz a Moriconi baseia-se no fato de que ele parte apenas do manual-base dos cursos de poesia que Candido ministrou nos anos 60 e de uns pouquíssimos textos críticos do autor, de modo que sua visão e suas conclusões são parciais e apressadas, pois não consideram, não somam e não articulam os vários aspectos estéticos, teóricos, críticos e analíticos dos muitos textos de Candido dedicados à poesia lírica, brasileira e universal.

No que tange à poesia brasileira, segundo aqui se tem insistido, é preciso ter em mente que a “pedagogia do poema” de Antonio Candido se configura tensivamente na articulação de seus dois eixos principais, “árcade/romântico” e “modernista” (matizados pelo “eixo intermediário”, mais voltado para o final do século XIX), e tem propiciado a várias gerações uma compreensão efetiva da formação e da consolidação da lírica brasileira, além de sólido instrumental de análise e interpretação. É uma

“pedagogia” poderosa, sem dúvida, mas alvo de salutar questionamentos atuais (por Moriconi e outros) que põem em xeque as certezas absolutas (e utópicas) do pensamento e da produção artística moderna e modernista, no Brasil. E que se perguntam, afinal, o que essa “pedagogia”, dita hegemônica, ainda pode oferecer para a compreensão da vasta produção poética brasileira contemporânea, por excelência “descentrada”, dispersa esteticamente e desconfiada de qualquer valor dogmático ou canônico, e ora banhada nas águas não tão lustrais – e não tão sujas – de ondas que se quebram em liquefação, espetáculo, espelho, virtualidades mil e desconstrução de modos, temas, motivos etc.

Conclusão

A despeito deste quadro móvel e instável – e à guisa de tarda conclusão –, é preciso referendar ainda uma vez que o pensamento estético e crítico-teórico de Antonio Candido se perfaz em ensaios que evidenciam sua (moderna) vocação universalista em termos de poesia lírica, sempre preocupada com a harmonização estrutural de aspectos internos e externos em dado poema; sempre problematizando as conexões da poesia brasileira com a de outras literaturas; sempre procurando fazer, para uma “literatura empenhada”, uma crítica empenhada e tensiva por excelência; e sempre respaldado no movimento dialético interno e externo da poesia brasileira, tanto em relação a seu momento histórico-social, quanto em relação à poesia internacional.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, João Alexandre. O método crítico de Antonio Candido. In:_____. *Alguma crítica*. São Paulo: Ateliê, 2002. p.131-145.
- _____. Antonio Candido: os signos da claridade. In:_____. *A leitura do intervalo: Ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras/Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p.83-86.
- CANDIDO, Antonio. O albatroz e o chinês. In:_____. *O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p.13-31.
- _____. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.
- _____. Literatura e cultura de 1900 a 1945 (Panorama para estrangeiros). In:_____. *Literatura e sociedade*. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz/Publifolha, 2000. p.101-126.
- _____. *Iniciação à literatura brasileira* (Resumo para principiantes). São Paulo: Humanitas (FFLCH-USP), 1997.
- _____. *O estudo analítico do poema*. 3.ed. São Paulo: Humanitas (FFLCH-USP), 1996.
- _____. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993a.
- _____. *Formação da literatura brasileira* (Momentos decisivos: 1750-1880). 7.ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993b (2 volumes).
- _____. O observador literário. In:_____. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 1992. p.119-228.

- _____. *A educação pela noite & outros ensaios*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. Orelha. In: FONTELA, Orides. *Trevo* (1969-1988). São Paulo: Claro Enigma, 1988.
- _____. *Vários escritos*. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: História e antologia*. 10.ed., revista. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 (v.II: Modernismo).
- _____. *Presença da literatura brasileira: História e antologia*. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994 (v.I: Das origens ao Realismo).
- MORICONI, Ítalo. Horizontes formativos, lugares de fala: Antonio Candido e a pedagogia do poema. *Gragoatá*, Niterói, n.12, p.47-62, 1º sem. 2002.
- _____. Conflito e integração. A pedagogia e a pedagogia do poema em Antonio Candido – notas de trabalho. In: ANTELO, Raúl (Ed.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/Universidad de Pittsburgh, 2001. p.249-281.
- PIRES, Antônio Donizeti. Antonio Candido, leitor de poesia. *Guará*, Goiânia, n.1, v.1, p.59-94, 2011.
- _____. Antonio Candido, leitor de poesia *fin-de-siècle*. *Itinerários*, Araraquara, n.30, p.115-137, jan./jun. 2010.